

CENTRO DE ESTUDOS ANGLICANOS

Compartilhar 67

SÓ QUERIA MOSTRAR MEU OLHAR, MEU OLHAR... REFLEXÕES DE UM PROTESTANTE SOBRE MARIA

Rev. Carlos Eduardo Calvani*

Fui criado em uma Igreja Protestante tradicional. Como todos sabem, nessas igrejas a figura de Maria é, no mínimo, ignorada. Em grupos evangélicos pentecostais mais fanáticos, chega-se até ao ponto de ser mesmo hostilizada. Desse modo, a devoção a Maria nunca fez parte de minha espiritualidade. Porém, o trabalho pastoral nos coloca diante de pessoas que vivem essa fé de forma bastante sincera e isso se intensifica nas proximidades do dia 12 de outubro com as romarias a Aparecida ou a outros santuários marianos. Isso sempre me chamou a atenção, pois o respeito à fé das pessoas é um princípio que está nas origens do cristianismo, embora não seja muito praticado pelos que seguem o Cristo. Agora, quando nos aproximamos de mais um feriado da Padroeira do Brasil, resolvi pensar um pouco mais sobre Maria até mesmo para tentar compreender o fascínio que sua figura exerce no mundo católico. Talvez, como protestante, o que eu possa oferecer é apenas o mesmo que Renato Teixeira na música *Romaria*: “como eu não sei rezar, só queria mostrar meu olhar, meu olhar, meu olhar...”

O que significa parar para pensar em Maria nesses dias?

* Sacerdote da Igreja Anglicana. É professor de Teologia na Faculdade Unida de Vitória, ES e Coordenador do Centro de Estudos Anglicanos (CEA).



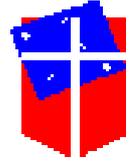
Geralmente a notícia de uma gravidez é motivo de alegria para muitas mulheres. Outras, porém, ao saber que estão grávidas reagem primeiramente com preocupação e medo: medo da gestação, do parto e das responsabilidades para com uma nova vida; outras ainda reagem em desespero porque são jovens demais ou por não serem casadas ou até mesmo porque engravidaram em circunstâncias inesperadas e sabem que terão que criar seu filho sozinha. Certamente o anúncio da gravidez de Maria a pegou de surpresa, pois se constituía em um grande problema: ela ainda não era casada e estava grávida. Se ainda hoje o anúncio da gravidez de uma jovem solteira é assunto de comentários maldosos, o que dirá naquela época...

Coloquemo-nos em seu lugar e imaginemos o que não passou por sua cabeça: ouvir comentários maledicentes e ser humilhada... o casamento marcado... como explicar ao noivo o que aconteceu? Será que ele entenderia ou a rejeitaria?

O tempo da gravidez também foi turbulento. Teve que fazer uma longa viagem e teve seu filho em condições precárias, ao que tudo indica sem a ajuda de familiares (exceto o marido) que pudessem apoiá-la naquele momento. Após o parto, outra longa viagem. Conforme o evangelho de Mateus, toda família teve que se exilar no Egito para evitar que seu bebê fosse morto.

O tempo passa, os meses e lá está ela vivendo a maternidade: a criança acorda aos gritos na madrugada querendo mamar, começa a andar, cai, se machuca e quando começa a descobrir o mundo, inevitavelmente, como toda criança, quebra coisas em casa, e ela está lá...

Papinha, comidinha, banho, lavar as fraldas sujas, limpar o bumbum, cortar as unhas, dar aquele beijinho de mãe quando a criança esbarra em algo e se machuca, tantas tarefas... e ela está lá...



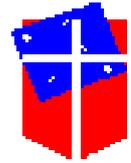
De repente, a criança começa a crescer... e como acontece com toda criança normal, faz suas artes... perde-se dos pais durante uma visita ao Templo (quantos pais e mães já não viveram isso quando em um passeio pelo shopping, mercado ou uma grande loja, o filho se perde...) e quando é encontrado já tem a ousadia de responder de modo consciente e até meio rebelde aos pais... mas ela está lá...

De repente, ele é um homem... crescido, com barba, pensa por si só e já não aceita opiniões que contradigam o que ele quer fazer... já é dono do seu próprio nariz... chega até a repreendê-la publicamente quando ela resolve interferir... mas ela está lá, acompanhando o ministério do filho, às vezes surpresa, outras vezes orgulhosa dele, outras vezes certamente preocupada com seu futuro... mas ela está lá...

Até que um dia, seu filho é preso. Quanta dor para uma mãe saber que o filho está preso... aquela criança frágil, cuidada com tanto zelo, que várias vezes correu aos seus braços procurando consolo após uma queda, após um desentendimento com um amiguinho ou após um pesadelo noturno, agora precisava novamente dela e, embora ela estivesse por perto, nada podia fazer...

Na condição de mulher, ela não podia entrar no Sinédrio onde seu filho estava sendo julgado e, de repente, vem a sentença: seu filho seria crucificado. Imaginemos a dor dessa mãe ao ver seu filho naquela situação.

Creio que naquela hora Maria sofreu como mãe, sem pensar em qualquer significado teológico que justificasse tamanha barbaridade e sofrimento. Não era o "filho de Deus" que estava sofrendo ali. Era o seu bebê, o seu filhinho que estava passando por humilhações públicas, sendo xingado e espancado... não era o "Verbo encarnado", mas seu bebê que sangrava no meio da rua, e ela nada podia fazer... Não



era "o Messias prometido, o Ungido, o Cristo" que estava pendurado no madeiro, era o seu bebê cuidado com tanto carinho que agora assumia o lugar de maldito perante todos e perante Deus... era o seu bebê que exclamava na cruz "Tenho sede..." e ela não podia lhe levar água; era o seu bebê que dava altos gritos de dor e sofrimento, e ela assistia a tudo com imensa dor e perplexidade... mas estava ali... era o seu bebê que, em total humilhação tem suas vestes rasgadas e é pendurado nu para agonizar até a morte, e ela ali, ao lado dele...Ah, Maria... o que se passou em sua mente aquela hora? Fui escolhida para isso?

Maria foi escolhida para ser mãe do redentor, mas não foi poupada de ser humana e sofrer como tantas mães-Marias da história. É juntamente a sua humanidade e a sua maternidade que a tornam santa e bem-aventurada entre as mulheres. É difícil acreditar que Maria assistiu à crucificação de seu filho como se fosse um momento necessário no plano divino de salvação. Não! Quem estava ali não era "o Cristo", era o seu bebê, o seu filhinho...

Não é difícil compreender porque a devoção a Maria ganhou peso na história do cristianismo. Não é difícil compreender porque todos os anos o santuário de Aparecida ou outros santuários marianos espalhados pelo mundo recebem tantos romeiros... porque nas carências e necessidades da espiritualidade popular, o santuário é a casa da mãe, da mãe que sofre por causa das opções de vida que o filho ou a filha fazem, mas que está ali, como diz a música de Chico César, Mama África: "filhinho tem que entender que Mama África vai e vem, mas não se afasta de você".

Após o feriado do dia 12 o comércio começa a se preparar para o Natal e as igrejas começam a recontar a história da salvação. Maria está grávida de novo... nascerá seu filho... e durante o ano litúrgico acompanharemos seu ministério até a semana da sua morte, e ela estará ali também, como sempre esteve, no coração de



Centro de Estudos Anglicanos



tantos sofredores que na hora do sofrimento a invocam: "Ave Maria, cheia de graça... rogai por nós, pecadores, agora e na hora de nossa morte".

Não é difícil entender porque tantos cristãos e cristãs, mesmo protestantes e evangélicos que nunca foram estimulados a refletir mais sobre Maria, possam agora se sentir mais perto de Deus e reconhecer: "Bem-aventurada és tu entre as mulheres".
